



Nonada: Letras em Revista

E-ISSN: 2176-9893

nonada@uniritter.edu.br

Laureate International Universities

Brasil

Theobald, Pedro

FERREIRA, Ceila. A mulher do dia. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2011. 152 p.

Nonada: Letras em Revista, vol. 2, núm. 21, outubro, 2013

Laureate International Universities

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451671019>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**FERREIRA, Ceila. *A mulher do dia*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2011. 152 p.**

*Resenhado por Pedro Theobald<sup>1</sup>*

Obras romanescas em que assuntos brasileiros e portugueses se entrelaçam não são incomuns nas literaturas brasileira e portuguesa. A figura do “brasileiro” que, após um período mais ou menos prolongado no Brasil, retorna à pátria portuguesa como homem rico e inculto tem sua contrapartida no português imigrado que faz sua fortuna no pequeno comércio ou nas profissões artesanais, de que o “o português do armazém” ou “da padaria” são apenas os exemplos mais conhecidos; ou no “estudante de Direito” em Coimbra, filho de brasileiros abastados, que volta um dia para gozar no Brasil das vantagens do *status* de bacharel. Todos eles habitam, como figuras emblemáticas, as obras de autores do século XIX português e brasileiro. Basta lembrarmos-nos de alguns desses autores, como Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Machado de Assis e Aluísio de Azevedo.

A partir da segunda metade do século XX, a representação das relações entre Portugal e o Brasil na literatura já se apresenta mais diferenciada. É o que podemos ver neste *A mulher do dia*, romance de estreia da carioca Ceila Ferreira. Seus personagens se movem em um mundo que difere significativamente daquele que estávamos acostumados a ver nos romances de outrora – um mundo de personagens instruídas, do ramo das profissões liberais, que refletem as concepções dos autores de hoje, praticamente todos com um grau de instrução formal que de um modo geral não se encontra nos escritores cuja produção se deu antes da criação das grandes universidades brasileiras, a partir dos anos 1930. Assim, a autora do presente livro, tal como duas de suas personagens centrais, é docente da área das Letras. Uma autora e personagens que exercem sua profissão no ensino superior, tal como vemos com frequência nas literaturas europeias da segunda metade do século XX, período em que se firmou a literatura de autoria e temática feminina.

*A mulher do dia*, no entanto, está longe de refletir apenas as preocupações e o universo particular de Eliana, a “Professora-Mãe-Dona-de-casa-Amiga-Amante”, cujo discurso abre a narrativa. Em uma narração engenhosa, de quarenta breves capítulos, pontuados por citações do *Cântico dos Cânticos*, desvendam-se ao leitor ramificações complexas, que culminam no

---

<sup>1</sup>Doutor em Estudos de Literatura – Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), docente dos programas de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

encontro de três personagens cujas histórias se alternam. Uma delas é a própria Eliana, brasileira, professora de Literatura Latina em uma Universidade do Rio de Janeiro, mãe de dois filhos, insatisfeita no casamento. A outra é João, descendente de criptojudéus dos Açores, que, estimulado por seu avô e por uma pequena comunidade remanescente dos tempos de Dom Manuel o Venturoso, busca restabelecer o contato aberto com as origens e libertar-se das restrições religiosas a que foram obrigados os judeus portugueses até meados do século XX. A terceira personagem é Eduardo Machado, professor da Universidade de Aveiro, especialista no poeta novecentista Antero de Quental, que também nascera nos Açores.

A viagem do professor português ao Brasil para uma palestra na Universidade de São Paulo proporciona a Eduardo e Eliana a oportunidade do primeiro contato fortuito. Na viagem de Eliana a Lisboa em 2005 – o tempo da narrativa, em relação ao qual muitos episódios representam apenas *flashbacks* – ocorre o encontro com João, que vive frustrado por ainda não haver realizado o desejo de seus avós. Ela é para ele a “mulher do dia”, que o estimula a empreender a longamente sonhada viagem a Jerusalém. A estada de Eliana em Lisboa para o pós-doutorado também é responsável pelo reencontro casual e a subsequente ligação com Eduardo. Pode-se mesmo afirmar que a viagem que cada uma dessas personagens empreende pode ser vista como um símbolo de sua busca do encontro consigo mesma e com o Outro.

Vários elementos contribuem para a riqueza desse romance de estreia de Ceila Ferreira. Em primeiro lugar, o relato da autodescoberta e do rompimento da solidão das personagens. Neste sentido, mais forte do que a personagem referida no título talvez seja a personagem de João. De fato, embora não tenha perdido a importância, a temática da autoafirmação feminina tornou-se comum na literatura das décadas mais recentes nas literaturas ocidentais. Menos comum, do ponto de vista da tentativa de reconstituição ficcional, é a diáspora dos judeus, neste caso, em especial, dos judeus portugueses e do fenômeno do criptojudaísmo. Esses assuntos costumam ser tratados nos livros de História, não nos romances.<sup>2</sup> No livro de Ceila, é especialmente tocante a descrição do anelo de João pelo *teshuvá*, o retorno, a reunião espiritual com os antepassados:

- Que queres tu?
- Respondo tal qual me foi ensinado pelo avô Benjamim:
- Quero receber a luz, o testemunho, o conhecimento dos valores da tradição, da tolerância e da liberdade. (FERREIRA, 2011, p. 18)

---

<sup>2</sup>A respeito do tema, sugerimos aqui a leitura de duas obras, por nós consultadas: Meyer Kayserling, *História dos judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira, 1971; e Amílcar Paulo, *Os criptojudéus*. Porto: Athena, [1970].

É de notar-se que as restrições à prática do judaísmo em Portugal se mantiveram até a ocasião da Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974. Todo o processo político que levou a essa Revolução é, aliás, testemunhado pelos personagens portugueses da obra. Este e outros elementos factuais anteriores e posteriores, como a inserção de Portugal na União Europeia, poderiam levar-nos a inscrever o livro na categoria dos romances históricos.

Mas a profusão das informações é dosada com a utilização de numerosos recursos do romance moderno. A variação do foco narrativo, que joga luz ora sobre um ora sobre outro personagem; a variação do ponto de vista, que sensibiliza para diversos tipos de problemas; a sequência não linear do tempo, que confere uma organização não convencional aos eventos; a motivação sutil das ações; a fusão, a alternância e o desdobramento de personagens – todos esses são elementos da narrativa contemporânea que mais de uma vez nos convidam à releitura de passagens e à reconsideração de juízos. Acrescente-se a isso uma dosagem em geral feliz da história com a ficção, a exploração consciente e moderada dos dialetos português e brasileiro da língua portuguesa, as citações em várias línguas, a variedade dos cenários expressa na riqueza da nomenclatura geográfica, a cuidadosa pesquisa dos temas culturais portugueses, brasileiros e judaicos – e talvez se explique o poder de atração deste pequeno romance para pessoas interessadas nas diversas áreas das Letras, da Literatura à Linguística e ao Ensino e Aprendizagem das Línguas Estrangeiras.

É preciso acrescentar que a dosagem bastante cuidadosa dos fatos ficcionais e dos elementos possivelmente retirados da vida da autora evita que esta história assumia aquele caráter autobiográfico já bastante conhecido nas narrativas de estreia. A autobiografia é mesmo de regra em narrativas de afirmação de minorias em termos de expressão cultural, como se verifica na produção dos índios e negros norte-americanos do século XIX e ainda se observa em grande parte da produção literária feminina do século XX. Mas com o emprego consciente dos recursos anteriormente citados, Ceila Ferreira evita escrever uma autobiografia no século XXI e produz, ao invés disso, uma consciente obra de ficção.

O leitor certamente preferia não ver as falhas de revisão, e talvez dispensasse, aqui e ali, certo excesso de informações didáticas, bem como as informações bibliográficas sobre as obras consultadas pela autora a respeito de assuntos culturais e religiosos do judaísmo. Afinal, é simplesmente de supor-se que o escritor se tenha informado sobre os seus assuntos, e a relação dele com a Verdade difere daquela que deve ser observada pelo autor de ensaios históricos. Embora a noção do direito autoral seja um fenômeno dos tempos modernos, e que tenha variado significativamente ao longo dos séculos, é bom lembrar que Shakespeare, Goethe e Brecht, para citar só três exemplos, tinham a respeito de suas fontes atitudes que

lhes possibilitaram criar obras-primas talvez inviáveis se vigorassem os critérios de citação que vez por outra se tentam impor às obras ficcionais.

Não obstante, a obra de Ceila Ferreira recebeu merecidamente a chancela da União Brasileira de Escritores, que lhe conferiu o prêmio Clarice Lispector 2011. O apoio da instituição literária constitui sem dúvida um estímulo importante, e esperamos que a autora prossiga na senda iniciada com tanta proficiência neste *A mulher do dia*, que deverá encontrar muitos leitores interessados na nova literatura produzida no Brasil.